

Sistema Penal & Violência

Revista Eletrônica da Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Porto Alegre • Volume 6 – Número 2 – p. 163-173 – julho-dezembro 2014

A sedução da letra

Antropotécnica e violência desde o ideário pós-epistolar
de Peter Sloterdijk

The letter seduction

Anthropotechnic and violence from post-epistolary ideary of peter sloterdijk

DAVID LEAL SILVA
RICARDO JACOBSEN GLOECKNER

DOSSIÊ

CRIMINOLOGIA E FILOSOFIA

Editor
JOSÉ CARLOS MOREIRA DA SILVA FILHO
Organização de
AUGUSTO JOBIM DO AMARAL



A sedução da letra Antropotécnica e violência desde o ideário pós-epistolar de Peter Sloterdijk

The letter seduction *Anthropotechnic and violence from post-epistolary ideary of peter sloterdijk*

DAVID LEAL SILVA^a
RICARDO JACOBSEN GLOECKNER^b

Resumo

O presente artigo desenvolve uma análise do ideário de Peter Sloterdijk, conferindo-se destaque à obra *Regras para o Parque Humano*. Nessa perspectiva, as *antropotécnicas*, técnicas de domesticação e produção humana, colocam em pauta uma decisão política fundamental sobre a espécie frente ao colapso do humanismo, este que fora atacado desde a *Crítica da Razão Cínica*. Sloterdijk aventa a hipótese de utilizar a engenharia genética como alternativa mediadora da violência no mundo atual, cuja responsabilidade se atribui à indústria do entretenimento. Além disso, Sloterdijk reivindica a retomada do centro de influência cultural tutelado pelos EUA desde 1945, procurando entrar numa disputa política, filosófica e cultural. Tal problemática diz respeito ao pensamento político criminológico brasileiro, tendo em vista que a Lei 12.654/2012 passou a prever a hipótese de extração compulsória de material genético em caso de crime violento contra a pessoa, fortalecendo em nosso território o modelo de governo denominado *Zoopolítico*.

Palavras-chave: Zoopolítica. Antropotécnica. Humanismo. Cinismo. Violência.

Abstract

This article provides an analysis of the ideary of Peter Sloterdijk, giving up work to highlight *Rules for The Human Park*. From this perspective, *anthropotechnics*, techniques of domestication and human production, put on the agenda a fundamental policy decision on the species front the collapse of humanism, this he had been attacked since the Critique of Cynical Reason. Sloterdijk suggests the possibility of using genetic engineering as an alternative mediator of violence in the world today, whose responsibility is attributed to the entertainment industry. Moreover, Sloterdijk claims the resumption of the center of cultural influence tutored by the USA since 1945, looking into political, philosophical and cultural dispute. This issue concerns the Brazilian criminological political thought, given that the Law 12. 654 / 2012 now provides the possibility of compulsory extraction of genetic material in case of violent crime against the person, in strengthening our country's governance model called *Zoopolitics*.

Keywords: Zoopolitics. Anthropotechnics. Humanism. Cynicism. Violence.

^a Acadêmico. Mestrando em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista pela CAPES. Possui graduação em Direito pelo Centro Universitário Metodista (IPA). Especialista em Ciências Penais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Advogado. <davidleal20@hotmail.com>.

^b Possui graduação em Direito pela Universidade de Passo Fundo (2002), mestrado em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2005) e doutorado em Direito pela Universidade Federal do Paraná (2010). É Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Penais da Pontifícia Universidade Católica e Coordenador da Especialização em Ciências Penais da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. <ricardogloeckner@hotmail.com>.

Introdução

A metáfora do parque temático em que seres humanos são domesticados define o modelo de governo chamado *zoopolítico*, que centraliza uma das mais cruas articulações de Peter Sloterdijk com referência à tradição clássica da filosofia. Esse modelo de governo opera com base na condição influenciável do animal do humano. A política de *produção* do homem, no uso de técnicas de modelagem das características humanas, chama-se *antropotécnica*. Daí se dizer sinteticamente: “o homem no fundo é produto” (Sloterdijk, 2011, p. 100).

Atualmente, não seria difícil verificar um exemplar da *antropotécnica*. Nos diversos campos do saber ganha destaque a ciência genética, que promete novas formas de intervir no gene humano. Novas promessas que denunciam o que estamos fazendo de nós mesmos, como diria Foucault, se tornam o estopim para conflitos discursivos focados na disputa por espaços de poder, em relação aos quais existe a reivindicação de se elaborar um novo conceito de ser humano. Neste contexto, aventa-se a possibilidade de refrear a violência humana com o emprego da tecnologia genética. Essa hipótese foi levantada por Sloterdijk. Para ele, seria a maneira de tornar o homem mais facilmente domesticável e, supõe-se, organizar a ordem social pela consistência de outra lógica. Nesse sentido, a tendência do desterro das práticas de caráter humanista é identificada como resultado lógico do presente cultural, destronando-se o que numa terminologia heideggeriana seria o real sentido de *habitar a linguagem*. A casa do ser desaparece e o que se constitui como uma característica fundamental da história técnica e intelectual é que se está organizando a linguagem e a escritura de outra forma, de um modo bastante diferente das interpretações tradicionais – religião, metafísica, humanismo (Sloterdijk, 2011).

Postas essas questões, no próximo tópico será analisado o livro *Regras para o Parque Humano*. Tem-se aqui o interesse justamente de elucidar as pretensões políticas de quem lança hipóteses sobre a resolução da – quiçá – irresolúvel problemática da violência da vida em sociedade.

1 Livros são cartas: o humanismo e a domesticação pela leitura

“Os livros, disse uma vez o poeta Jean Paul, são cartas volumosas dirigidas aos amigos” (Sloterdijk, 2007a, p. 21). Sloterdijk vê nas palavras do poeta a lógica de funcionamento do humanismo. Tal carta volumosa, além de ser um instrumento comunicativo de amigos distantes, opera de uma maneira não manifesta: ela projeta a sedução a distância: um convite para o leitor entusiasmado fazer parte de uma comunidade de amantes do livro. Essa transmissão de cartas extensas estabeleceu seu elo mais importante na formação da cultura letrada que foi resultado da apropriação romana dos textos gregos e que, após a queda desse Império, as culturas europeias posteriores se tornaram suas sucessoras. *Humanitas*, desde Cícero, é expressão que designa as consequências da alfabetização. Desde então, a própria filosofia reuniu seguidores pelo amor, pela amizade. Com a emergência do Estado-Nação moderno, entretanto, a leitura deixa de ser privilégio da elite. Como numa espécie de seita, os humanizados dão início a um projeto expansionista e o humanismo ganha um caráter pragmático, evidenciado nos Estados dos séculos XIX e XX, como forma de instituir uma sociedade literária – modelo normativo de sociedade política (Sloterdijk, 2007a, p. 21-26).

A partir disso, os povos se organizam segundo seus próprios cânones de leitura de acordo com cada espaço nacional. O ensino com a leitura obrigatória dos clássicos e o serviço militar obrigatório são os dois lados do humanismo (armado e eficiente) que fez parte da estruturação da burguesia clássica. Na Alemanha, o auge desse humanismo foi no período que abrange os anos de 1789 a 1945. Nesse tempo, o saber do mestre pelo conhecimento privilegiado correspondia ao lugar de transmissão dos textos fundadores da comunidade. Essa época estaria chegando ao seu estágio final, principalmente, pelo estabelecimento dos meios de entretenimento de massas: o rádio, a televisão e as redes. Ainda que depois de 1945 tenha havido uma tentativa de dar

continuidade à tradição humanista, Sloterdijk segue a linha crítica que vê no humanismo a eterna insurgência contra uma violência congênita do humano. O paradoxo disso está no fato de que as épocas de maior barbárie foram aquelas em que o humanismo foi mais intensamente invocado como pretexto. É bastante claro nas palavras do filósofo que em vez de se rejeitar a animalidade do humano, melhor reconhecê-la, numa medida adequada, e esse é o modelo de governo já reconhecido nos preceitos realistas do projeto de Platão. A grande questão insinuada por Sloterdijk é que a animalidade viu-se delineada historicamente pelo humanismo mirando-se a domesticação do ser. As sociedades da alta cultura revelam a astúcia da prática humanista de lidar com os sinais simultâneos de duas forças modeladoras, denominadas como influxos inibitórios e desinibitórios. Daí que a disputa pelo humano “se concretiza como uma luta entre as tendências bestializantes e as domesticadoras” (Sloterdijk, 2007a, p. 27-32). Dessa conjectura se extrai a *antropodiceia* do humanismo, que foi marcada pelas formas de conceber os humanos a partir dos seus modos de comunhão e comunicação orientadores, que assentam e informam seu modo de ser e vir a ser no mundo.

Esse é o ensejo para a apreciação do ensaio que animou o retorno de Heidegger ao espaço filosófico aberto, mas que, inicialmente, foi apenas uma carta volumosa para um amigo. Trata-se do texto *Carta Sobre o Humanismo*, que é alçado à condição de evento por Sloterdijk por ser o início do pensamento pós-humanista (Sloterdijk, 2007a, p. 37).

2 O evento Heidegger: o humanismo à escuta na casa do ser

No pós-guerra, Heidegger anuncia o fracasso das vertentes humanistas – cristianismo, marxismo e existencialismo – que procuram retomar o espaço de justificação do ser humano no mundo. Ele os refuta sustentando somente ser possível salvar o humanismo com a pergunta rejeitada pela metafísica, a saber: “o que é o homem?”. Somente a escuta do ser retomaria o caminho da pacificação, muito além da lógica de domesticação. Heidegger considera que todas essas roupagens humanistas pressupõem uma noção fixa e pré-dada, quer da natureza, quer da história, quer do mundo e do seu fundamento e, por isso, estariam todos a reproduzir os velhos fundamentos metafísicos. Assim, o pensar teria a missão de pensar o mundo no seu sentido próprio. Para isso, não seria mais aceitável recorrer ao auxílio da Antiguidade, por conceber sua demonstrada potencialidade destrutiva. O pensar em Heidegger rejeita a verdade do homem como inscrição do animal *rationale*, como pessoa ou ser espiritual-anímico-corporal, pois tais fundamentos não estariam à altura da dignidade que é própria do homem e nesse aspecto a filosofia humanista sustentou um ideário contrário ao próprio humanismo (Heidegger, 2005, p. 16-26).

Heidegger entende que é próprio do homem a condição de poder estar postado na *clareira do ser*, a *ex-sistência* do homem. Para ele, “as plantas e os animais estão mergulhados, cada qual no seio do seu ambiente próprio, mas nunca estão inseridos livremente na clareira do ser – e só esta clareira é ‘mundo’, por isso, falta-lhes a linguagem” (Heidegger, 2005, p. 27-28). Daí dizer-se: animal é carente de mundo. A partir disso, Heidegger reconhece que o homem guarda sua essência na condição de ser mais do que simplesmente homem, mais do que animal racional, em sua posição de estar jogado. Ele é *pastor do ser*, não é pastor de um ente. O homem, por ser vizinho do ser, tem sua *ex-sistência* na proximidade que é uma vigilância, um cuidado pelo saber. Heidegger quer salvar o humanismo reelaborando seu sentido. Ele apresenta o homem enquanto *ex-sistente*: “postado num processo de ultrapassagem, na abertura do ser, que é o modo como o próprio ser é; este projetou a essência do homem, como um lance, no ‘cuidado’ de si. (...) Mundo é a clareira do ser no qual o homem penetrou a partir da condição de ser projetado de sua essência” (Heidegger, 2005, p. 64). A *ex-sistência* se instala na linguagem, sendo a casa do ser e a habitação do humano, bem como habitação da essência do homem.

Pois bem. Conforme a crítica de Sloterdijk, ao defender a conciliação do homem com a palavra do outro, Heidegger acaba inculcando um homem mais preso do que nunca ao humanismo clássico, porque ele desloca uma função pedagógica para o centro da sua ontológica filosófica. Eis o sentido que se deve dar a expressão o homem como pastor do ser. Esse é para Heidegger o encargo do homem, guardar o ser, como um pastor que cuida do seu rebanho na clareira, porém, em vez de gado, o que é confiado ao homem é o mundo enquanto abertura. Sloterdijk considera que se formos extrair o essencial do ensaio de Heidegger, veremos que se trata da pergunta: “algo ainda amestra o ser humano frente ao ocaso do humanismo?”. Heidegger ignorou, como entende Sloterdijk, a pergunta fundamental concernente à *diferença ontológica* do homem no início da história ao se expor na clareira. Trata-se de uma história do humano como *animal aberto ao mundo*, capaz de mundo e, neste sentido, de seres que se congregam. A história real da clareira reúne narrativas de cunho antropológico na exposição do surgimento do *humano-sapiens* partindo do *animal-sapiens*, que Sloterdijk procurou na história primordial da hominização em que o homem, em meio aos mamíferos vivíparos, surge prematuramente, extrapolando o seu ambiente pela inadaptação, mas dessa falha extraindo benefícios que se define por seu aprimoramento ontológico. O trajeto de constituição da própria espécie guarda relação com sua imaturidade crônica, o que se vê como um insucesso no processo de vir a ser animal. Fracassado como animal, o ser humano extrapola seu ambiente, ganhando o mundo no sentido ontológico. Esse vir ao mundo é o *ex-tático* do humano, sua herança genética que lhe põe em movimento. A casa do ser, entretanto, produz, simultaneamente com esse sair ao mundo, a possibilidade de viver a *ex-tasi*, do estar no mundo, que abriu o universo para as linguagens tradicionais. Estar-no-mundo e estar em si são a mesma confluência e o limite entre a história natural e a história da cultura. Significa que o vir-ao-mundo se traduziu por vir-à-linguagem. Na reconstituição da história da clareira, além desse primeiro processo de entrada do humano nas casas da língua, há um segundo marco: na tendência à aglomeração, começa-se a construir casas com as próprias mãos. Então os seres humanos se tornam sedentários. A partir disso, se os humanos são acolhidos pela linguagem, também passarão a ser *domesticados por suas casas*. Aqui se configura uma nova relação do humano com o animal. Inicia-se a era dos animais domésticos (Sloterdijk, 2007a, p. 48-54).

Ver-se-á que o aspecto domesticador talvez seja o lado menos conflituoso da história da casa, pois a clareira é simultaneamente o campo de batalha e *locus* de decisão e seleção. A maior disputa é pela clareira: “onde há casas, há que decidir o que acontecerá às pessoas que as habitam. (...) Na clareira se mostra por que metas lutam os humanos, logo que se revelam como criadores de cidades e construtores de impérios” (Sloterdijk, 2007a, p. 54). Reinterpretando a linguagem heideggeriana, Sloterdijk se direciona ao Zaratustra de Nietzsche.

3 De Nietzsche a Platão e a produção do homem no governo Zoopolítico

Na sequência interpreta-se a passagem em que Zaratustra vê casas (Nietzsche, 2005, p. 151-154), no entanto, com portas que homens da sua estatura não poderiam passar, pois teriam de se curvar. Nessa ilustração está presente um forte ataque à concepção do homem que não é simplesmente observado, selecionado e trazido à consciência política para melhor proveito do governo, senão que toda coordenada política levaria à *produção* de um tipo específico de homem. Significa dizer que o *homem é criador do homem* e o último homem corresponde ao sucesso da domesticação do selvagem. É no horizonte da domesticação escolar que Sloterdijk situa a mensagem de Nietzsche como prenúncio das batalhas travadas na clareira pelos poderes de produção humana. Zaratustra em seu passeio viu que no uso de uma política de boa criação, combinando ética e genética, os homens criaram um protótipo humano apequenado. A crítica que recusa a falsa inocência do humanismo tem como certo que nada há de inocente em se criar homens mansos. Esse o segredo humanista

revelado por Nietzsche e que, hoje em dia, os detentores do monopólio da criação do ser dão continuidade a essa tradição de modo silente ao se autoproclamarem protetores do humano e de sua dignidade. O que Sloterdijk quer filtrar para a atualidade no texto nietzschiano consiste no entrelaçamento de criação e domesticação que demarca a consciência de produção humana definida como *antropotécnica* (Sloterdijk, 2007a, p. 58-60). Essa técnica encontrou na leitura uma ferramenta relativamente eficiente de dominação dos agregados humanos.

A cultura da escrita que incentivou a alfabetização, em última análise, fomentou os resultados seletivos, dividiu as sociedades e estabeleceu uma fratura entre letrados e iletrados. Começa-se a definir os homens pela distinção entre, de um lado, os animais que sabem ler e, de outro, os que não sabem. Logo, os homens são animais que criam e são criados. E ninguém melhor do que Platão para descrever esse modelo de governo que é traduzido por um parque humano. Antes, Sloterdijk alerta que cada vez mais os homens se encontram numa posição ativa acerca da definição da espécie, despreendendo-se da condição de mero objeto. Ainda assim ele enxerga um *mal-estar da decisão* no presente; e seria vergonhoso se acaso colocarem no lugar de responsável político pela decisão das regras um ente divino ou algo equiparável. Daí que será uma postura ativa a formulação de um *código das antropotécnicas*, que modificará a noção clássica de humanismo, tornando público que *humanitas* significa mais do que a amizade entre os homens: “o ser humano representa o mais alto poder para o ser humano” (Sloterdijk, 2007a, p. 63). Sloterdijk está certo de que os próximos períodos serão decisivos para as definições de políticas da espécie. Poder-se-á testemunhar se as frações sociais dominantes saberão desenvolver *procedimentos eficazes de autodisciplina*. Significa que a cultura contemporânea continua a ser o espaço de combate entre os impulsos bestializantes e domesticadores frente aos seus *media* conformadores (Sloterdijk, 2007a, p. 64-5).

Eis que Sloterdijk se dirige ao que ele denomina ser a *magna carta da politologia pastoral europeia*, um discurso prático sobre a criação dos homens, presente no *Político*, de Platão, indicando que pensar significa um acesso à verdade por meio da classificação das coisas em geral (Platão, 2001). Platão elabora um diálogo entre Sócrates e o Estrangeiro e planifica a criação de um povo ainda não existente. Platão entendeu por necessário mostrar que o discurso político corresponde a uma comunidade de homens à semelhança de um *jardim zoológico*, revelando que o problema do comportamento humano é um problema *zoopolítico*. Uma reflexão política que para Sloterdijk é fundamentalmente uma reflexão sobre as regras de funcionamento de um parque humano. Então, Sloterdijk quer responder a pergunta sobre a diferença que existe entre a população e a direção desse zoológico humano ser de grau ou específica. A resposta platônica é que só pode haver uma diferença, que é de inteligência e somente sofistas argumentariam que os pastores são iguais ao rebanho. O verdadeiro criador, detentor do conhecimento, “se acha mais perto dos deuses do que os confusos viventes de que cuida” (Sloterdijk, 2007a, p. 67-68). As indicações perigosas de Platão deixam entrever que a diferença pelo saber implica em poder. A *antropotécnica* de Platão não é só domesticar, mas criar exemplares humanos de acordo com um Estado ideal e isso tem início com a classificação dos animais, chegando a doutrina do estadista numa direção classificatória do homem, um bípede sem penas e que se condiciona a uma guarda voluntária. A perícia do senhor platônico chega ao seu modelo de Estado desejado quando no uso da *antropotécnica* saiba encontrar a medida adequada para entrelaçar os ótimos do gênero humano, as propriedades guerreiras e a sensatez humanista, no tecido estatal da *zoopolítica*. Para Sloterdijk, Platão esquematiza com o modelo da tecedura (ajuste da natureza animal com a intelectual) o programa de uma sociedade humanista que, num único humanista absoluto, define o amo da ciência pastoral (Sloterdijk, 2007a, p. 71-72). A proposta de Sloterdijk é a de que, se no curso da história humana, o uso da *antropotécnica* se deu de forma inconsciente, chegou o momento de dar continuidade a esse processo conscientemente.

Descrito todo esse cenário de ideias, no próximo tópico, buscar-se-á descortinar o fundo ideológico da *Crítica da Razão Cínica* a fim de apresentar uma leitura que costure as obras aqui estudadas, organizando o ideário em análise com base nos seus posicionamentos político-filosóficos.

4 Crítica da Razão Cínica: uma crítica ao humanismo

Apesar de contornar o sentido decadente do humanismo, Sloterdijk não compartilha da atmosfera catastrófica de boa parte dos intelectuais da atualidade, não obstante o caráter emergencial do seu postulado – pois supõe haver, a respeito da espécie, uma chamada à decisão no presente histórico, que, por definição, pressupõe fundamentalmente os postulados da *Crítica da Razão Cínica*.

No contexto da *Crítica*, o filósofo anunciou que a filosofia estava morrendo e que a agonia dessa velha arte da pergunta prolongava-se porque sua missão não se completara. Ao prosseguir no ambiente que ensejou o *Regras*, vê-se algo dessa matriz que chega ao fim. De toda maneira, Sloterdijk também é um bom leitor de Foucault e a ênfase que o filósofo alemão procura atribuir à relação *saber-poder* na *Crítica* (Sloterdijk, 2007b, p. 14) ganha continuidade na construção do *Regras*, pois o espaço político foi então concebido enquanto dinâmica de domínio e exercício do poder dependente atrelado às tecnologias que incidem sobre o humano. Se formos atentar às explicações de cunho antropológico na articulação do autor, nesse preciso aspecto da *modelagem* das características da espécie com auxílio de técnicas modificadoras e formadoras do homem, realmente, nada há de novidade com relação às atuais *antropotécnicas*, especificamente as tecnologias de seleção genética. Exceto, por um detalhe. Agora, esse processo pode ser operado, até mesmo no seu próprio curso, conscientemente. Nesse ponto é como se o filósofo convidasse ao enfrentamento da decisão sobre o conceito de humano, chamando à atenção para o cuidado de se evitar os labirintos do cinismo, pois na noção pós-marxista da falsa consciência esclarecida (sem erro, ilusão ou engano), *sabemos o que fazemos*. Acomodando sentidos opostos, o cinismo constitui-se numa racionalidade configurada universalmente, permeando o individual e o coletivo.

O cinismo opera por duas vertentes que confluem num só fim: o da ideologia que interessa aos cínicos no poder. Cinismo dos meios e cinismo dos fins. Realismo e idealismo. Essa é a forma duplicada de uma consciência que se autojustifica pela assunção de que nenhum meio é caro o suficiente perante fins grandiosos. Um cinismo para a realidade do dia-a-dia e outro para aspirações à grandeza dos projetos políticos. Desde a *Crítica*, o humanismo é atacado por Sloterdijk pelo seu aspecto manipulável, podendo-se considerá-lo um teórico que procurou manter, em certa medida, uma linha de coerência discursiva. Sendo assim, oportuno que no próximo tópico que se demonstre uma reveladora crítica do autor a respeito da situação da Europa no contexto mundial para que no último tópico possamos ligar todos os pontos e oferecer uma crítica do conjunto da obra.

5 Se a Europa Despertar: a vontade de poder

Em 1994, cinco anos antes da conferência sobre o parque humano, Sloterdijk lança o livro *Se a Europa Despertar*. Nele, apresenta seus argumentos sobre o homem europeu, este que, na sua visão, sempre protagoniza as inventividades realmente importantes para o gênero humano. Essa obra traz, em linhas gerais, a crítica ao unilateralismo dos EUA e as consequências decorrentes da tomada do centro da cultura. Se a direção cultural estava nas mãos da Europa de 1492 até 1945, de Colombo a Hitler, no pós-guerra esse centro de influência foi assumido pelos EUA. Desde então, o americanismo condensou as potencialidades humanas tão somente na capacidade para o consumo. Por consequência, um processo de *desinibição* pela indústria do entretenimento promoverá, na sua tese, a extinção do humano.

De fato, tornou-se problemática, a partir desse período, a condição da Europa. Sua letargia política é fortemente refletida na crise econômica dos últimos anos. Daí que o filósofo considera necessária a retomada civilizacional no curso da história. Uma das suas propostas, por exemplo, foi a ampliação do número de integrantes da União Europeia (UE). Na época em que Sloterdijk escreveu a obra, havia doze países compondo a UE. Para ele, com vinte e seis Estados-membros seria possível começar a deslocar o imperialismo inautêntico norte-americano. Seria o início de um novo percurso com o auxílio da história do humanismo europeu e sua potencialidade inventiva que se reengajaria pela *inteligência elevada da Europa*, apostando na sua imaginação política, que revela há muito tempo sua *missão*. Significa isso *despertar para um sonho*. Para Sloterdijk, essa é a região do globo que há mais de quinze séculos, com todo tipo de experimento e perguntando incessantemente o que realmente interessa à existência humana, concluiu que o homem não pode estar largado à miséria. Esse é o seu projeto político: “compreendemos paulatinamente que sonhar lúcido é, desde o início, a principal função da cultura política” (Sloterdijk, 2002, p. 74).

Em suma, nas diversas obras paralelas (Sloterdijk, 1999, 2002, 2005) ou mesmo conferências, notamos Sloterdijk como um autor de um projeto teórico coerente com suas bases desde o início. Apresentado o ideário, as considerações sobre as ideias mais importantes do autor em análise serão feitas no próximo e conclusivo tópico.

Conclusões

Em carta a Max Brod, Kafka perguntou ao seu amigo se seria possível atar uma moça usando a escritura. Essa intuição revela o efeito de *Sedução da Letra* - da carta-, resultado de uma estratégia que, instrumentalizando a leitura, produz um efeito no outro: o leitor está atado (Puglia, 2005, p. 39-40). A carta é algo tão enigmático que se tornou no conto de Allan Poe um objeto de jogos de poder, de sedução e aposta. Se o humanismo está em crise, já não é mais sedutor e, por isso, não mantém mais o leitor atado às cercanias da casa do ser?

De tudo até aqui levantado se percebe que no *Regras* existe a receita política para o exercício do poder sobre o comportamento humano. E em *Se a Europa Despertar*, Sloterdijk elabora uma receita de alianças políticas para uma Europa pretensamente renovada. Com isso, ele eleva ao plano político uma ontologia espacial reconfigurada, reorganizando a noção de ser no espaço (ser-no-mundo) e, assim, concebe um governo na orientação *zoopolítica*. Contudo, esse governo declara a desigualdade entre os seres humanos como parte de um processo natural da odisseia antropológica, ainda que os domesticadores estejam em seus postos por razões meramente econômicas ou políticas. Nota-se que desde a *Crítica* os motivos dessa reorientação cultural vêm sendo elaborados numa crítica severa ao humanismo. Como era de se esperar, seu discurso não escapa à própria trama cínica. Afinal, como falar de ideologia estando-se envelopado pela ideologia? Não existe um *locus* argumentativo meta-ideológico.

Pela leitura do conjunto da obra há um detalhe bastante importante que faz aparecer o ressentimento de um intelectual alemão que arvorou seu sistema filosófico numa espécie de defesa contra as ideologias que narraram a história do mundo tomando a Alemanha nazista por grande vilã do séc. XX. O forte estigma da culpa alemã oriunda do passado de guerras que culminou no Holocausto é enfrentado por Sloterdijk com uma argumentação astuta. No lugar de ser uma mancha no passado alemão e, portanto, o que também explica o receio mundial de a Alemanha tornar-se novamente uma potência (Beck, 2013), o filósofo vê o fator histórico como motivo de maturação cultural, já que os EUA não passaram pela experiência de perder uma guerra, logo, não incorporaram a sabedoria da decadência e da regeneração (nietzscheanamente falando). Sloterdijk quer, visivelmente, aliviar o peso histórico que a Alemanha carrega até hoje ao sinalizar que, desde Platão, cuja filosofia afeta por mais de dois milênios a cultura ocidental, já estava planejado todo um projeto eugenista, que

foi executado de maneira literal só com as possibilidades modernas e por uma ideologia cinicamente motivada, que, em definitivo, não era só nazista, nem só fascista, mas essencialmente ocidental. Compreende-se, nessa linha, que a própria crítica ao humanismo elaborada por Heidegger foi uma estratégia de quem continuou sendo um defensor da essência trágica do passado, porquanto ele procurou deslocar a responsabilização da barbárie para o berço humanista, bem como para a cultura, insinuando que, sendo humanismo e fascismo sinônimos, a responsabilidade, se devidamente observada, caberia não apenas à Alemanha, mas a toda cultura ocidental humanista. Esse parece ser o início do cinismo que Sloterdijk pretendeu descortinar, no discurso que sobrecarregou a Alemanha até hoje. Daí que a *Crítica* precisou desfazer os nós de uma história contada por aqueles que não apenas ganharam a guerra, mas também o centro de influência cultural no mundo, o que explica demanda de retomada do unilateralismo, conforme se analisou. Sloterdijk quer demonstrar exatamente o mesmo que Heidegger quando aponta para Platão como o autor do projeto eugenista ocidental e, por isso, mais de dois milênios de pensamento filosófico estariam infectados por um ideário aplicado de forma trágica somente no Sec. XX, quando se levou ao extremo a relação saber-poder. Isso não é reforçado quando Sloterdijk, no seu novo projeto *Esferas – Bolhas* (Sloterdijk, 2003), *Globo* (Sloterdijk, 2004a) e *Espumas* (Sloterdijk, 2004b) – diz que Hitler foi um filósofo clássico? Atribuir a política eugênica à cultura literária é meramente um esforço de quem pretende separar a Alemanha da mácula nacional-socialista? Uma crítica à razão cínica não parece ser uma *carta* volumosa de exculpação, um livrar-se da dívida pelos juros ideológicos excessivos? Mas não parece bastante conveniente para ambos, Sloterdijk e Heidegger, o discurso pós-humanista, que vê no humanismo o verdadeiro responsável pelas atrocidades? Não é à toa Sloterdijk ver no Grande Inquisidor – o pontífice que queima hereges para honrar a deus - um humanista conservador. É de se pensar: o mal-estar atual não seria justamente o mal-estar da responsabilização?

O desdobramento do ressentimento motivador da obra de Sloterdijk aparece no seu desejo pela designação das formas de vida ocidental que ensinou a construção de um projeto de política futura com extensa fundamentação para a retomada do unilateralismo da Europa no seu projeto *Esferas*. De qualquer maneira, Sloterdijk é um pensador astuto e não surpreende que hoje a União Europeia seja composta por vinte e oito países, tal como na sua orientação em 1994, que reconhecia a necessidade da união de forças políticas. Também não é estranho o fato de que o Presidente da Comissão Europeia, José Manuel Durão Barroso¹, no discurso do dia oito de maio de 2014, tenha resgatado a expressão *sonho lúcido* de Sloterdijk e o tenha referenciado. Evidentemente, Sloterdijk deseja salvar a Europa com a retomada do unilateralismo cultural, almejando nessa mesma empresa salvar seus filósofos do estigma nazista. É justamente o que se percebe em diversas passagens das suas obras quando ele tenta salvar Heidegger – este que Rüdiger Safranski (2005) chamou de Fausto moderno –, chegando a considerá-lo um professor universitário ingênuo quando acreditou na política hitlerista (2007b). Não poderia ser diferente com relação a uma das suas mais fortes influências, Nietzsche, ao dizer que somente detratores veriam nos seus livros alguma semelhança com políticas fascistas, dado que toda forma de humilhação do homem é antagônica à forma de elevá-lo defendida por Zarathustra (Sloterdijk, 2000). Em resumo, salvando a Europa e salvando os seus filósofos, Sloterdijk quer salvar a filosofia da morte anunciada em *carta aberta*². Para ele, é tempo de reinventar a arte de pensar, mesmo que se chame isso por outro nome, como por exemplo, *Biosofia*, em afinidade com as biotecnologias. Entretanto, na esteira da concepção aristocrática nietzschiana, a narrativa antropotécnica-zoopolítica-esférica converte aspectos político-econômico, os mais fortes diferenciadores dos viventes em sociedade, em fatores da gestão social de

¹ Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_SPEECH-14-355_pt.htm>. Acesso em 20 de agosto de 2014.

² Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/cartas/3464807>>. Acesso em 10 de agosto de 2014.

uma ordem rebatizada como acontecimento natural. Justifica-se a desigualmente, relacionando a animalidade à submissão imposta pela necessidade de governo.

Para além da razão cínica de Sloterdijk, deve-se perceber por suas reivindicações de determinados espaços de poder a relevância de tensões decisivas do nosso tempo, tanto no plano internacional, quanto nacional. De fato, o antigo método humanista de educar pelas artes e pela leitura se encontra cambaleante nas sociedades de massa. E esse fenômeno deixa um espaço aberto para os saberes legitimados pelo governo *zoopolítico*, em razão da sua gana por métodos mais eficientes de controle. Eis a oportunidade de ocupação da ciência genética no âmbito de domesticação do homem.

Essa constelação de ideias elucida acontecimentos que também dizem respeito ao nosso território. Em 2003, foi anunciada a conclusão do Projeto Genoma que sequenciou e mapeou, praticamente, todos os genes humanos. Em 2008, o STF permitiu a manipulação de células embrionárias para estudos científicos. Assim, tendo em vista a influência da ciência genética e a expectativa gerada por suas promessas, rapidamente ocorreu a promulgação da Lei 12.654/2012, que permitiu a extração de material genético de quem for condenado dolosamente por crime violento contra a pessoa, alterando a Lei de Identificação Criminal, a Lei 12.037/12. Aqui nos parece bastante presente os fatores de produção de um tipo – perfil – humano específico. O sistema de justiça criminal talvez seja a mais nefasta antropotécnica das sociedades democráticas, exercendo maior poder sobre seres humanos com o uso da técnica genética, como permite a Lei. Porém, contra essas narrativas que procuram justificar a violência de Estado, nunca é demais dizer que *los de abajo* – estes que têm de suportar o peso da gravidade e não são os elevados e distintos ontologicamente – são jogados numa conjectura social nada natural. Percebe-se, por isso, que já está formalmente implementado o governo da *zoopolítica* em nosso cenário. Além do mais, quando se fala em controle da violência por meio das biotecnologias rapidamente se pode prever o entusiasmo das correntes do positivismo lombrosiano sendo revitalizadas e a formulação incansável da velha pergunta sobre o fator genético como predisposição para o crime, argumento que convence grande parte da sociedade. O ambiente prisional e o uso da identificação criminal pela extração compulsória de material genético talvez resultem no mais tirânico modo de bestialização do homem. Tudo isso nosso cenário político-jurídico-cultural está promovendo. Aliás, a realidade prisional brasileira não seria um dos mais trágicos exemplos da prática de enjaular homens como animais ferozes no uso cínico do discurso humanista com a promessa domesticadora de reposicioná-los na vida em sociedade? Não o Brasil um dos mais fiéis cumpridores da lógica *antropotécnica* de exposição, classificação e domesticação dos agregados do parque humano?

Para além, se a *antropotécnica* tem o potencial de chegar à guerra como última parada, essa guerra daqui para frente não será senão aquela que estrategicamente tem de gerar o colapso do ambiente, não mais do inimigo. O humano não está no espaço, ele porta o espaço dentro de si, de modo que, nessa visão, Sloterdijk (2003), convenientemente, está em sintonia com o posicionamento da ciência genética, segundo o qual os genes são condicionados pelo ambiente e este é construído enquanto espaço artificial. Então, produzir o homem é antes de mais, erigir um ambiente de acordo com determinados fins. Nessa abordagem há um evidente distanciamento do determinismo biológico mais grosseiro, manifestação de um positivismo renovado. Nem mesmo os geneticistas acreditam que o gene é a causa determinante de um comportamento, em que pese o uso retórico das promessas creditadas ao futuro. Em vista disso, acredita-se ter clarificado o papel que pode exercer o ambiente prisional.

Em suma, ao reivindicar uma regulação do parque humano, a carta de Sloterdijk está sendo, claramente, direcionada ao poder de Estado para que se colonizem mais campos da vida em sociedade. De todas essas constatações, considera-se que Sloterdijk não foi radical em sua crítica filosófica, pois preferiu dar fundamento a um elitismo e um conservadorismo que podem ser compreendidos como cinismo ao pé da letra. Tornou-se ele

um exemplo de como a filosofia e o filósofo, por sua vontade de verdade, podem se revelar como verdadeiros signos da relação saber-poder.

Talvez Heidegger tenha dado alguma pista quando disse: “a disputa entre pensadores é a ‘disputa amorosa’ da mesma questão. Ela auxilia-os alternadamente a penetrar na simples participação no mesmo, a partir do qual eles encontram a docilidade no destino do ser” (Heidegger, 2005, p. 42). Não resta dúvida, a pergunta pelo ser é fundamentalmente política e esta é um parque temático para filósofos – que desde a Antiguidade viram no livro o seu objeto de amor, mas também um caminho para a dominação cultural.

Referências

- BECK, Ulrich. *A Europa Alemã*. De Maquiavel a Merckel: estratégias de poder na crise do Euro. Lisboa: Edições 70, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. *Carta Sobre o Humanismo*. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.
- LEAL, Edilene. Peter Sloterdijk: a novela dos espaços. *Revista Tomos*, São Cristóvão, p. 221-241, jan.-jun. de 2010.
- MARQUES, J. O. de A. *Sobre as regras para o parque humano de Sloterdijk*. São Paulo: PUC, 2004. v. 4, n. 2, p. 363-381.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.
- PIGLIA, Ricardo. *El Último Lector*. Barcelona: Anagrama, 2005.
- PLATÃO. *Político*. Tradução de José Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nava Cultura, 1991.
- ROMANDINI, Fabián Ludueña. *La Comunidad de los Espectros*. Buenos Aires, Miño y Dávila, 2010.
- SAFRANSKY, Rüdiger. *Heidegger: um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal*. Tradução de De Lya Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005.
- SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la Razón Cínica*. Tradução de Miguel Ángel Veja. Madrid: Siruela, 2007b.
- SLOTERDIJK, Peter. *Esferas I: burbujas*. Microesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2003.
- SLOTERDIJK, Peter. *Esferas II: globos*. Macroesferología. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2004-a.
- SLOTERDIJK, Peter. *Esferas III: espumas*. Esferología plural. Tradução de Isidoro Reguera. Madrid: Siruela, 2004-b.
- SLOTERDIJK, Peter. *No Mesmo Barco: ensaio sobre hiperpolítica*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.
- SLOTERDIJK, Peter. *O Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Tradução de Cláudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SLOTERDIJK, Peter. *O Quinto “Evangelho” de Nietzsche*. Tradução de Flávio Beno Siebeniechler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- SLOTERDIJK, Peter. *O Sol e a Morte*. Tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira. Lisboa: Relógio D’Água, 2007.
- SLOTERDIJK, Peter. *Palácio de Cristal: para uma teoria filosófica da Globalização*. Tradução de Manuel Resende. Lisboa: Relógio D’Água, 2005.
- SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano*. Tradução de Manuel Resende. Coimbra: Angelus Novus, 2007a.
- SLOTERDIJK, Peter. *Se a Europa Despertar*. Tradução de Flávio Quintiliano. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SLOTERDIJK, Peter. *Sin Salvación: Tras las Huellas de Heidegger*. Tradução de Joaquín Chamorro Mielke. Madrid, 2011.

Recebido em: 19/09/2014

Aceito em: 09/12/2014